

LEMBRANDO KARDEC

Saudando o Codificador na passagem de seu retorno ao Plano Espiritual na última jornada terrestre, uma mensagem de Emmanuel: *“Na Doutrina Espírita, não se dirá que Allan Kardec foi ultrapassado, de vez que os nossos princípios avançam com o fluxo evolutivo da própria vida e, à maneira da árvore que para mostrar a excelência do fruto não dispensa a raiz, tanto quanto o edifício vulgar para crescer em nova pavimentação não prescinde do alicerce, o Espiritismo não fugirá das diretrizes primeiras, a fim de ampliar-se em construções mais elevadas, com a segurança precisa. Superam-se técnicas e processos de luta material. A Revelação Divina, porém, desenvolve-se com a própria alma do homem, porque a Infinita Sabedoria não nos esmaga com sua Grandeza, nem nos enceguece com a sua Luz, esperando que nós mesmos, ao preço de esforço e trabalho, na escola do progresso, nos habilitemos a suportar o conhecimento superior, estendendo-lhe a claridade e realizando-lhe os objetivos. Em razão disso, foi o próprio Codificador quem definiu em nossa Doutrina um templo de postulados que a evolução se incubiria de honorificar em constante expansão, nela plasmando não apenas o altar da fé renovadora quem religa ao Cristo de Deus, mas também o acesso ao campo aberto da indagação filosófica e científica, para que não estejamos confinados ao dogmatismo enregelante e destruidor. Não edificaremos por nossa vez, no santuário espírita, senão aquele desdobramento necessário a todo serviço de luz e fraternidade, que iniciado a benefício das criaturas, a todas elas deve atingir no justo momento em obediência às leis da evolução, de que Kardec foi emérito defensor”.*

A EQUIPE

PROBLEMAS DA DESOBSESSÃO

Se a obsessão, como diz Kardec, figura em primeiro plano entre os escolhos da prática mediúcnica, não é menos verdade que constitui o mais complexo problema do campo doutrinário. A classificação sumária de Kardec em três tipos seqüentes de obsessão: a obsessão simples, a fascinação e a subjugação abrange todo o quadro dos processos obsessivos.

Mas há questões que precisamos encarar em nosso tempo com o máximo de atenção, pois no aceleração atual da fase de transição que atravessamos a obsessão abrange todos os setores das atividades humanas, apresentando facetas novas que levam alguns espíritas afoitos a formularem teorias estranhas a respeito.

Já vimos que a obsessão decorre de fatores vários e apresenta modalidades bem diferenciadas. A obsessão tornou-se o mal do século e a desobsessão precisa ser tratada com extrema dedicação pelas instituições doutrinárias, dentro das normas científicas da Doutrina, sem desvios para interpretações pessoais desprovidas de uma sólida base experimental. As técnicas psicológicas e psiquiátricas de restabelecimento do equilíbrio dos pacientes não dá resultados satisfatórios, quando se trata realmente de obsessão. As sessões mediúnicas de doutrinação comum são de grande importância para a prevenção de obsessões e para o restabelecimento final dos casos agudos. Os que hoje as menosprezam por considerá-las ridículas e portanto nefastas ao bom conceito da Doutrina, simplesmente não sabem o que fazem. Há uma conjugação natural entre as sessões de doutrinação e as sessões de desobsessão, pois cabe às primeiras prevenir e até mesmo impedir os casos obsessivos. É bom lembrar aos críticos dessas sessões tradicionais a prática da terapia de grupo, com o desenvolvimento de psicodramas derivados das sessões espíritas. As técnicas psicanalíticas devem muito ao Espiritismo, pois Freud tinha apenas um ano de idade quando Kardec acentuou a importância do inconsciente nas chamadas psicoses e neu-

roses, praticando a catarse em maior profundidade do que a da catarse psicanalítica freudiana. Os que temem a ocorrência de comunicações anímicas nessas sessões desconhecem o problema do animismo e suas relações com a obsessão. As obsessões não surgem apenas na fase de eclosão e desenvolvimento da mediunidade. As mais graves obsessões estão genesicamente ligadas aos problemas anímicos das vítimas, O Espírito reencarna, como ensina Kardec, já trazendo consigo problemas graves de encarnações anteriores. O obsessivo e o obsedado são então os adversários que se lançam no mesmo caminho para acertarem o passo em nova marcha, como advertiu Jesus. E muitas vezes, como vemos nos Evangelhos, o obsessivo se chama Legião, ou seja, não é apenas um, mas sete ou mais, segundo o caso de Madalena. Como dizer-se, então, segundo modernas e inconseqüentes teorias, que a doutrinação de Espíritos sofrendores e vingativos cabe ao mundo Espiritual e não ao nosso Plano? É neste Plano mesmo que os casos de obsessão precisam ser tratados com a devida insistência. Não fosse assim e não haveria lógica no processo reencarnatório. Uma nova teoria esdrúxula e sem nenhuma prova do passado ou atual, que pretende reduzir o obsessivo a apenas um, e que este exerce

uma função de amparo ao obsedado, para que outros obsessores piores não o dominem, é gratuita e contrária aos princípios doutrinários e evangélicos. A obsessão inata corresponde aos casos psiquiátricos de desequilíbrio chamados constitucionais. Psiquiatricamente esses casos só podem ser atenuados, jamais curados. Mas, para a Ciência Espírita, esses casos não são constitucionais e podem ser curados com o afastamento do obsessor.

O fato de permanecerem juntos nesta encarnação, mostra uma ligação anterior e negativa entre eles, que deve ser resolvida no presente. Por exemplo, os casos de homossexualismo adquirido, não congênito ou constitucional, da classificação psiquiátrica, decorrem de fatores educacionais mal dirigidos ou de influências diversas posteriores ao nascimento, que dão motivo à sintonia do paciente com Espíritos obsessores vampirescos. O problema sexual é extremamente melindroso, pois tanto o homem como a mulher dispõem de tendências de ambos os sexos, podendo cair em desvios provocados por excitações de após nascimento. No alcoolismo temos situação idêntica: tendências inatas e tendências adquiridas, que atraem obsessores. Em todos os campos de atividades viciosas os obsessores podem ser atraídos pelos obsedados que se deixaram levar por excitações do meio em que se educaram ou em que vivem. As más companhias que influem no ânimo de crianças, adolescentes e jovens, e até mesmo em adultos, podem levar qualquer pessoa a situações penosas, e não são apenas companhias encarnadas, mas também Espíritos viciosos. O simples fato de morrer não modifica ninguém. O sensual continua sensual depois da morte, o alcoólatra não perde o seu vício, o bandido continua bandido. A morte é apenas a liber-

tação do corpo material. Um descondicionamento, como diz Chico Xavier. Liberta do escafandro de carne e osso, a criatura humana sente-se em seu corpo espiritual, que é o perispírito, modelo energético do corpo que deixou na OIC e responsável por todas as funções vitais do mesmo. Dessa maneira, sentindo-se vivo e consciente de si mesmo, o Espírito continua apegado ao Plano Terreno, embora já esteja na zona espiritual da Crosta Terrena. Descobre que não pode mais obter as coisas materiais, mas descobre naturalmente que pode sentir as sensações do mundo através dos que continuam encarnados. Por isso é atraído por alguém que possa dar-lhe as sensações desejadas, aproxima-se dele ou dela e estabelece-se entre ambos a indução mediúnica do vampirismo. A obsessão vampiresca é a mais difícil de se combater. Obsessor e obsedado formam uma unidade sensorial dinâmica, apegada às sensações grosseiras do corpo material. O cadáver do obsessor se desfaz na terra, mas o corpo do obsedado socorre as exigências sensuais do desencarnado. É isso o que o povo chama de encosto, um Espírito inferior que se encosta numa pessoa. Forma-se o automatismo da indução: o Espírito deseja as sensações e esse desejo se transmite ao Ser encarnado que procura satisfazê-lo. Estabelecido esse ritmo de trocas, um pertence ao outro e dele depende. A desobsessão é difícilíssima nesses casos, pois ambos são criaturas humanas dotadas de livre-arbítrio. Se os dois recusaram a doutrinação, esta muitas vezes parece inútil, ineficaz. Se um deles aceitar a doutrinação, o afastamento do obsessor torna-se possível. Se ambos a aceitarem, a desobsessão se realiza com facilidade, às vezes surpreendente. Então os Espíritos bons se incumbem de encaminhar o obsessor e os homens devem cuidar do obsedado. É necessário o maior cuidado com este, para

COMUNICAÇÃO

que ele, nos seus anseios viciosos, não atraia outros obsessores. Por isso Jesus disse que, limpa e arrumada a casa, o Espírito inferior convida sete companheiros e todos irão habitá-la, de maneira que o estado do obsedado se torna ainda pior do que antes. Foi, certamente, apoiada nesse ensino mal interpretado que surgiu a teoria absurda do obsessor-protetor. Mas o que Jesus disse era uma advertência aos responsáveis pelo obsedado, que dele deviam cuidar para que não caísse de novo no erro e no vício. Muita gente pergunta como podem os espíritas, em minoria na Terra, atender através de suas sessões o número imenso de obsessões que nela existe. Nenhum espírita esclarecido se julga incumbido de socorrer a todos os obsedados. O trabalho maior é realizado pelos Espíritos incumbidos dessa tarefa no Mundo Espiritual. As sessões se destinam ao atendimento de casos relacionados com pessoas que recorrem aos grupos e Centros Espíritas. Mais particularmente, destina-se aos casos de mediunato, em que os médiuns são Espíritos que se compromissaram, em vidas anteriores, com criaturas que submeteram ao seu capricho, tendo agora o dever de socorrê-las através de sua mediunidade. A Lei do Amor rege as relações humanas nos dois lados da vida. A consciência do carrasco exige a sua abnegação em favor das vítimas que atirou nos descaminhos do mundo. Não se resgatam os crimes somente através de outros crimes, mas também e principalmente através do socorro do criminoso à sua vítima do passado. É assim que os dois acertam os seus passos na vida material através da mediunidade, uma função redentora nas sessões de doutrinação e desobsessão. Há uma tendência ao formalismo igrejeiro no Espiritismo, cultivada por adeptos que prezam mais as aparências do que a Verdade. O desejo de fazer da Doutrina uma elaboração

refinada, com requintes e etiquetas sociais na sua prática, leva muita gente a aceitar inovações que, no entanto, só fazem rebaixá-la. Esquecem-se da afirmação categórica de Kardec: O Espiritismo é uma questão de fundo e não de forma. Tentam organizá-la em sistemas hierárquicos, dotá-la das chamadas autoridades doutrinárias, impondo ao meio espírita uma disciplina cheia de exigências protocolares que lhe tirariam o aspecto de simplicidade e naturalidade que a caracteriza. As sessões de doutrinação e desobsessão incomodam essas criaturas, que só querem receber comunicações tranquilas de Espíritos Superiores, que lhes proporcionem os deleites de oratória sofisticada. Por isso, aceitam e aplaudem medidas antiespíritas de supressão das referidas sessões, em que, em geral, a maioria dos comunicantes são Espíritos sofrendores ou revoltados. Se conseguissem o seu intento, transformariam as sessões em tertúlias literárias do século XVIII, com elogios mútuos e retórica envelhecida, destinados a atrair criaturas de elite. A denominação de oradores, para os que falam sobre a Doutrina, foi racionalmente mudado para expositores. (...) A expressão mentor, arrogante e agressiva, substitui a expressão amorosa de protetor e lá se vai por água abaixo a pureza da Doutrina, na lama vaidosa das inovações doutrinárias, das pretensões direcionais, das condenações disto e daquilo, nos delírios do messianismo espúrio. Essa obsessão coletiva não tem solução.

Foi ela que transformou a Casa do Caminho, de Jerusalém, no Estado Teocrático do Vaticano. Iludem-se os que pensam que o Espiritismo se engrandece com as pompas terrenas. Jesus não foi sacerdote do Templo e Kardec nunca trocou a sua morada humilde da Rua dos Mártires, em Paris, pelo Palácio de Versalhes. Nem um nem outro veio falar aos poderosos do mundo, mas aos sofredo-

res necessitados de consolação. Quem não entende isso nunca assimilará a mensagem do Espiritismo, a não ser depois de encarnações expiatórias e redentoras. A obsessão vigia os indivíduos e os grupos espíritas em cada encruzilhada de gerações. Vale mais um pequeno Centro que cuida dos obsessados do que uma suntuosa instituição em que os tribunos retumbantes enchem os

salões suntuosos com seu palavrório vazio. Cala mais no coração humano um gesto de humildade pura do que a retórica antiquada dos tribunos missionários. As grandezas terrenas só agradam aos obsessores, enquanto os obsessados pedem a misericórdia de uma palavra de amor.

FONTE

Herculano Pies, J., **MEDIUNIDADE**, ed.EDICEL

O MUNDO MAIOR E A COMUNICAÇÃO

“Educar é, por excelência, a função da própria vida. Por isso mesmo, conferimos ao Amigo Celestial o título de Mestre, porque, acima de tudo, Jesus é o mentor sublime de todos os séculos, ensinando com abnegação, em cada hora, a lição do sacrifício e da humildade, da confiança e da renúncia por abençoado roteiro de elevação de Humanidade inteira”.

Emmanuel

“Não adotes a perturbação ou a sombra como elementos de materialização de tuas atitudes e resoluções no curso das horas. A breve tempo, a treva dominaria as páginas de tua jornada e te perderias sem luz por tempo indeterminável”.

José de Castro

“Os meirinhos da Justiça Celeste não visitam os Espíritos endividados que se mergulham na covardia ou na fraqueza. Buscam aqueles corações que amadurecem na sublime compreensão, na caridade santificante e na confiança fiel e então lhes conferem a graça da redenção pela dor, que é sempre bendita e luminosa estréia no horizonte dos nossos destinos”.

Aura Celeste

NECESSIDADE DA CRÍTICA

Em matéria de crítica, parece que não há, no meio espírita, melhor exemplo do que o de Allan Kardec. Ele peneirou muito as comunicações e rejeitou muitas delas, como se sabe. Allan Kardec usou realmente o "olho crítico" com toda a isenção, pois o que lhe interessava, antes de tudo, era a solidez da Doutrina. As mensagens do Além não tinham para ele o caráter de tabu ou de letras sagradas, tanto assim que tratou os Espíritos desencarnados com a necessária brandura, mas sem submissão absoluta. Procedeu, em tudo por tudo, como um homem de estudos, sinceramente preocupado em procurar a Verdade, e não como um devoto que espera as graças do céu. Recusava conscientemente tudo quanto fosse comunicação discrepante, trouxesse o nome que trouxesse. Por isso mesmo, por ter deixado traços tão fortes e indelévels de equilíbrio e lucidez, o exemplo do Codificador bem poderia servir de norma básica, até hoje, para os que desejam adotar a Doutrina Espírita como diretriz em todas as circunstâncias da vida.

Em que consiste, pois, o padrão normativo de Kardec? Simplesmente nisto: ser humilde e paciente no intercâmbio com o Mundo Espiritual, mas nunca transformar este intercâmbio em idolatria de Espíritos nem de médiuns. É a orientação crítica mais condizente com o caráter do Espiritismo.

Em todos os ramos do pensamento há dois tipos de crítica, bem diferentes: a crítica demolidora, que se compraz em negar ou destruir sistematicamente, e a crítica esclarecedora, que é uma necessidade, porque auxilia e provoca reflexões construtivas. Claro que o meio espírita comporta perfeitamente a crítica sensata, que esclarece ou faz reparos justos, no lugar próprio. Mas, infelizmente, nem todos entendem assim. . . Por que, afinal, não se pode levantar dúvida sobre uma comunicação mediúnica? Porque, em suma, não se pode discordar deste ou daquele ponto no exame de mensagens mediúnicas? E não foi assim que procedeu Allan Kardec, tantas e tantas vezes ? Os Espíritos têm as suas opiniões, como nós temos as nossas, não é verdade? É natural que lá uma vez por outra não estejamos de acordo. E que mal vai nisso? Nenhum. O fato de não aceitarmos tudo quanto dizem certas mensagens não quer dizer que estejamos querendo negar a boa intenção e o valor do médium...

Mas não somos obrigados a concordar com tudo, passivamente, como se a comunicação mediúnica fosse um mandamento intocável. Se abdicarmos da Razão e desprezarmos o bom-senso, estaremos saindo do verdadeiro espírito da Doutrina, que quer dizer o livre exame, e não a reverência conventual às entidades do Além. Os Guias Espirituais querem o diálogo, não querem nem exigem atitudes devocionais.

Pois é nestes termos que devemos colocar o problema crítico à luz da Doutrina Espírita. Discordar de uma comunicação ou não subscrever, por exemplo, as opiniões de uma obra mediúnica, sem espírito demolidor, mas por uma questão de consciência, não significa desrespeito. Se enveredarmos por esse caminho, achando que nem se deve fazer o mais leve comentário para não faltar com o respeito aos Espíritos, então iremos chegar ao ponto extremo de ver na crítica uma heresia, palavra que não tem cabimento no vocabulário espírita. Seriam heréticos todos aqueles que, com a melhor intenção possível,

ousassem divergir de qualquer mensagem ou livro de origem mediúnica! Ora, o arejamento da mentalidade atual não combinaria com atitudes tão rígidas e antiquadas.

Mas o certo é que, às vezes, há estranheza quando alguém faz crítica ao que vem do Alto, neste ou naquele aspecto, o que, aliás, é uma decorrência da própria abertura da Doutrina Espírita. Há comunicações que apenas repetem idéias ou conselhos já divulgados.

E se alguém disser esta verdade palmar estará profanando porventura a palavra do Alto? Claro que não, mas apenas observando aquilo que o bom-senso enxerga facilmente. Não é, portanto, uma depreciação.

É justo que se dê o valor aos trabalhos recebidos mediunicamente, pois já temos uma literatura apreciável, urna literatura que está espalhando luzes e consolo em todas as latitudes. Mas também é justo que se dê o devido valor aos trabalhos de elementos ainda encarnados, trabalhos que muitas vezes trazem mensagem, esclarecimento e testemunho de convicção.

Compreendemos bem a avidez, o sentimento afetivo com que são recebidas muitas mensagens do Além, mas a preferência pelo material que vem do Alto, algumas vezes, sem trazer qualquer tema novo ou sem provocar qualquer indagação mais profunda, nunca deveria chegar ao exagero de relegar artigos, conferências ou livros de autoria humana. O critério unilateral contraria frontalmente o legítimo espírito da Doutrina. Se é verdade que do Alto vem muita obra capaz de iluminar e enriquecer o Espírito -também é verdade que aqui mesmo, na Terra, se produzem livros, que merecem ser lidos e meditados. Aí está a grande bibliografia espírita, representando o trabalho humano, fruto do estudo, da meditação e do idealismo sadio. E tudo isto, afinal, não merece apreço e compreensão, somente porque não foi recebido por via mediúnica? É bom que se medite muito a respeito disto.

FONTE
Deolindo Amorim; PONTO DE ENCONTRO, ed. ABC DO INTERIOR

NÓS, O BEM E OS ESPÍRITOS SUPERIORES

*“Faculdades numerosas
Não representam a luz,
Bom médium é todo aquele
Que anda sempre com Jesus*

Casimiro Cunha

*“Na verdade, Deus é bom,
Mas se o filho é rude e mau,
Por vezes, descem do céu
Pedra e fogo, corda e pau”.*

Casimiro Cunha

SÉRIE PERSPECTIVAS DA SOBREVIVÊNCIA

1 - SEMENTES DO DESTINO

Walter Barcelos

Toda criatura humana projeta sempre os melhores sucessos no campo material, financeiro e afetivo para si mesma. É o sonho de alcançar o que mais deseja para ser feliz da maneira que pensa em ser feliz. No campo do Espírito existem também sonhos e esperanças, mas antes da encarnação. Só que os sucessos agora deverão ser estritamente no campo moral, no campo do amor, no campo dos sentimentos, no campo da reconciliação com os inimigos, no campo de correção das próprias imperfeições, no campo do trabalho de realizações edificantes, no campo de resgate dos débitos de vidas passadas, no campo de correção das próprias imperfeições e no campo da reconstrução do próprio destino. Ir ao encontro do ajuste com a Lei de Justiça do Pai, na conquista da própria felicidade. Continuemos estudando a valiosa obra básica "**O Céu e o Inferno**", de Allan Kardec, cap. VII - Código Penal da Vida Futura (C.P.V.F.)

1- "A situação do Espírito, no mundo espiritual não é outra senão aquela por si mesma preparada na vida corpórea". Allan Kardec(C.I. - 1ª Parte, cap. VII - C.P.V.F. 270).

O lugar na vida de além-túmulo não se compra com crença religiosa, orações e doações particulares. O bom lugar se constrói e se conquista pelo amor e trabalho ao longo da vida corpórea. Após a morte, cada Espírito vai deparar-se com dois tipos de lugares: o primeiro será o ambiente físico e paisagístico das esferas espirituais inferiores ou superiores; o segundo será o mundo interior da consciência e da mente em cada Espírito. O lugar espiritual não é somente um plano bonito de ruas, casas, prédios, escolas, templos, hospitais e jardins ou um plano deformado, triste e sombrio das zonas purgatoriais. O lugar mais importante que vamos deparar - não resta menor dúvida-será o mundo que construímos por dentro de nós mesmos, no altar da consciência, na sede da inteligência, na vida mental e no santuário do coração. Em qualquer lugar onde estivermos no Plano Espiritual, vamos viver com intensidade o que possuímos por dentro de nós mesmos. Este lugar construído por nós poderá ser de: luz ou trevas, amor ou

ódio, sabedoria ou descrença, harmonia ou desequilíbrio, preguiça ou atividade, competência ou inutilidade, remorso ou tranqüilidade de consciência, de mérito ou de culpa. Não nos enganemos com o lugar após a morte, pois por dentro de nós mesmos será o lugar exato. Colheremos e viveremos na intimidade de nós mesmos o que plantarmos, com nossas ações, no solo da experiência física. Em vista desta lei de retorno, precisamos avaliar o que estamos praticando e criando por dentro da mente e coração, no dia-a-dia da existência. Aproveitemos o tempo que nos resta da encarnação: estudando mais, corrigindo com mais seriedade nossas imperfeições, trabalhando mais, amando mais, fazendo mais o Bem ao próximo e elevando-nos sempre mais.

2- "Quanto mais nos demoramos na reparação de uma falta, tanto mais penosas e rigorosas serão no futuro as suas conseqüências". Allan Kardec (C.I. 12ª parte - cap. VII - C.P.V.F. 270).

Todos nós temos muitas dívidas perante a Justiça Divina, das quais, além de sofrermos a punição da falta, precisamos trabalhar na reparação dos crimes e prejuízos causados aos semelhantes em vidas passadas, a

começar pelos nossos credores que reencarnam conosco no grupo familiar. Quantas vezes passamos pelas experiências difíceis e dolorosas e, por não saber sofrer, não saber amar, não saber perdoar e não saber reconciliar-nos com os adversários, todo o serviço de reconstrução de nosso destino espiritual fica muito mal feito e complicamos ainda mais o nosso futuro. A chance de reparação é obtida, mas, devido à nossa invigilância e indisciplina, não aproveitamos a grandeza da oportunidade. Somente passamos pela experiência difícil, mas não construímos com amor e humildade, para eliminar desafetos, reatar amizades, fazer amigos, construir a felicidade do próximo ou até dos inimigos, conquistando simpatias a nosso favor. E indispensável saber sofrer, saber amar, saber perdoar e saber suportar com humildade as investidas do mal, buscando na luz inconfundível do Evangelho o material de orientação, fortaleza e consolação para nossos trabalhos e lutas.

3 - "...e se ele não se corrige, terá sempre uma missão a recomençar, sempre e sempre mais acerba, de maneira que se pode dizer: aquele que muito sofre na Terra muito tinha a expiar...". Allan Kardec (C.I. 1ª Parte, cap. VII - C.P.V.F. 28º)

Todo dia é dia de mudar o destino. O período da existência terrestre não é somente para sofrer dolorosas provações e expiações. Não, o tempo é também de reconstrução de nosso destino. A mudança de nosso futuro para melhor começa em nós mesmos, pelo esforço sincero alicerçado na boa vontade para se corrigir e abandonar a prática do mal. Todo aprendiz da Vida Superior, quando se interessa por melhorar, deverá enfrentar três grandes obstáculos, até a vitória final, que é o aperfeiçoamento moral. São obstáculos: **1º** - Enfrentar as próprias imperfeições e tentações que gritam com muita força dentro de cada um de nós, com o esforço de auto-

educação; **2º** - Experimentar a poderosa influência moral inferior dos encarnados, que nos atacam por todos os flancos, desde os primeiros anos do período infantil, criando barreiras enormes ao nosso adiantamento; **3º** - Sofrer a perseguição implacável dos Espíritos imperfeitos e dominadores, viciados e perversos do Plano Espiritual que não se interessam pelo progresso moral das criaturas. São três grandes campos de batalha do Espírito. São batalhas incontestes que toda pessoa de boa vontade terá que enfrentar e vencer, se realmente deseja crescer, melhorar e aperfeiçoar-se.

4- "...e os que gozam uma felicidade aparente, em que pese aos seus vícios e inutilidade, pagá-lo-ão mui caro em ulterior existência". Allan Kardec (C.I. - 1ª Parte, cap. VII - C.P.V.F. 28º)

Ninguém fugirá da Lei de Evolução, por mais que queira permanecer na revolta e rebeldia. Deus não deixa nenhum de seus filhos na retaguarda do esquecimento, atolado nos vales sombrios das zonas purgatonais por tempo indefinido. Todos os Espíritos são observados e anotados, analisados e fiscalizados, sopesando suas ações nos mínimos detalhes pela Falange dos Espíritos Superiores, a fim de aquilatar o acerto ou o erro, o mérito ou a punição, a promoção ou o estacionamento, a recapitulação ou o avanço de experiências na jornada evolutiva. Ninguém recebe nada injustamente das Leis da Vida. As pessoas que gozam uma felicidade exclusivamente egoística, cultivando vícios e vivendo como parasitas na inutilidade social, estão cometendo uma grave falta aos olhos de Deus. Estão sugando o suor dos outros, sem dar nada em troca, de seu próprio esforço pessoal na vida em sociedade. Vivendo exclusivamente os prazeres, os vícios e as vaidades do poder e, muitas vezes, massacrando com seu autoritarismo e arrogância os mais fracos, sem dar em troca

sequer uma gota de compaixão e amor, estão criando um grande abismo de sombras e sofrimentos para si mesmas na vida após a morte e em futura encarnação.

5- "A Misericórdia de Deus é infinita, sem dúvida, mas não é cega. O culpado que ela atinge não fica exonerado e, enquanto não houver satisfeito a justiça, sofre a consequência dos seus erros. Por ser de Infinita Misericórdia, não devemos pensar que Deus seja inexorável: deixa sempre aberta as portas da redenção".

Allan Kardec (C.I. - 1ª Parte, cap. VII - C.P.V.F. 29º).

Deus é ao mesmo tempo: Infinito Amor, Infinita Misericórdia e Infinita Justiça. Sua justiça não é cega porque não isenta das faltas cometidas nenhum de seus filhos. A Misericórdia é a grandeza maior do amor. É amar quem não faz nada por merecer este amor e ainda mais esta pessoa desajustada, ganha sempre oportunidades de se reabilitar para a vida e voltar a ser feliz.

A Misericórdia verdadeira vai além do perdão. Se, na Terra, quem muito ama usa de Misericórdia, que pensar da Misericórdia de Deus? A misericórdia de Deus não tem limites, ela não termina nunca, ela não se cansa e jamais se desespera com os filhos rebeldes. O amor de Deus está sempre disposto a socorrer e assistir, esclarecer e iluminar, ensinar e educar os filhos fugitivos da luz. Oferecerá oportunidades tantas quantas forem necessárias ao Espírito, por mais perverso e culpado, de se arrepender e redimir, saldando suas grandes dívidas e caminhando vitorioso na direção da Grande Luz da Imortalidade. Tudo isto porém tem um detalhe: Deus não dá privilégio a ninguém. Todos terão que enfrentar o Supremo Tribunal da Justiça Divina e sua própria consciência, pagando suas dívidas em suaves prestações, seja por intermédio de expiações dolorosas ou pagando com a moeda do amor em favor dos que mais sofrem e do progresso da Humanidade.

O MUNDO MAIOR E A CIÊNCIA DO ESPÍRITO

"Espiritismo não é apenas o consolador na Terra. É o renovador do "eu"."

André Luiz

*"O Espiritismo é a Ilha da bonança.
No oceano de lágrimas e dor,
Onde o homem cansado e sofredor
Encontra a porta amiga de Esperança".*

João de Deus

"Cada Espírito é um mundo por si".

André Luiz

VAMPIRISMO

Centro Espírita Luiz Gonzaga, segunda-feira, 19 horas e meia. Chico Xavier, recém-chegado, recebia pequeno grupo de confrades de fora e uma porção de abraços.

Pouco antes de a sessão começar, naquela noite, ela entrou. Corpo magro, sorriso sarcástico, afetação nos gestos, olhos revirados nas órbitas, andar agitado e trajas berrantes.

Dava-nos a idéia nítida de estar fortemente obsidiada.

De um dos braços pendia a bolsa vermelha, já gasta, semi-aberta, abarrotada de papelório, melhor, de receitas assinadas por respeitáveis esculápios da capital mineira.

Olga, como lhe chamaremos, de quando em vez, falando desconexamente, dava tapas violentos em seus próprios ombros magros e, tudo isto, mesclado com citações incongruentes, ditas para piedade geral. Chico Xavier aproximou-se da pobre môça. Consolou-a.

Citou-lhe frases curtas de estímulo espiritual. Mas, ela, longe de perceber e, muito menos, sentir, falava continuamente e, agora, apanhava uma a uma daquelas receitas, que eram comentadas, acompanhadas sempre e sempre de fortes palmadas nos ombros.

- Você pensa que eu falo com ela?... - perguntou-me o médium.

- Não, não. Estou conversando diretamente com a entidade espiritual que a influencia... Foi sua avó, desprendida do corpo físico há sete anos; não preparada para a vida no "outro lado", prêsa, ainda, de acentuados desequilíbrios que alimentou, apoderou-se da neta, por afinidade. A rigor, come-lhe o calor... (*) Olga, escrava de seus caprichos, é-lhe perfeito médium, devido à trajetória que vem imprimindo à vida...

E concluiu:

- Vejo-a bem... (referindo-se ao Ser desencarnado). Chama-se Mara J. B. (* *) Vamos doutriná-la e, creio, com o processamento da reunião desta noite, a neta cairá, ainda que por momentos, em seu habitual. É um caso categórico de obsessão, como os citados sobejamente na literatura mediúnica.

O certo é que, ao principiar a reunião evangélico-doutrinária, Olga aquietou-se e

ouviu plácidamente o comentário desdobrado por inúmeros oradores da noite espiritual. Acerquei-me dela, lá no saguão do "Luiz Gonzaga".

Conversamos naturalmente. Disse-me ali estar, vez primeira, na esperança de conseguir um bálsamo para o seu sofrimento. Não conhecia o Chico anteriormente. Sentia coisas estranhas e era avassalada por "fôrça desconhecida", que a levava a fazer o que não podia..., e não queria.

Desviava-a para situações menos dignas, libidinosas.

Após cessado o assalto, a "fôrça" se saciava, retirando-se, deixando-a aniquilada... e desencantada sentia-se depois de passar essa crise, ela mesma, com sua lucidez.

Mas, os momentos em que assim se sentia eram tão efêmeros...

De supetão, roendo-me de curiosidade, fiz a pergunta:

Como se chama sua avó?...

- Ghain~a~va-se... já morreu. Era Mara J. B. (pronunciou pausadamente o nome por inteiro da entidade de além-túmulo registrada pela mediunidade do Chico).

Fenômeno curioso... O vampirismo além da vida! Tal avó, tal neta! Uma, sustentáculo da outra, carregando o mesmo fardo, a mesma

PANORAMA

viciação mental!

Julho de 1955...

Um dia de sol... Galeria, casa de lanches finos, Av. Afonso Pena. Belo Horizonte.

Parado à porta, eu observava interessante movimentação de automóveis ao longe, vendo até que ponto chegava a perícia de um chofer, quando...

- Vem! Vem!

Era a Olga!

Transtornada, com as mesmas manias e, com ela, pelos sintomas, em torturada influência, a avó desencarnada!

Nem me reconhecera a môça, nem se lembrava de mim!

O Ser invisível obumbrava-lhe, uma vez mais, a consciência,.. Queria perpetuar o seu domínio!...

E lá se foi, outra vez, passos largos, bolsinha a tiracolo, agitada, afetada, chamando a atenção dos homens,..

Parece urna dessas torturantes e longas provações..

Ainda depois daquela tarde, vi a Olga "com a avôzinha às costas", como diz o meu amigo José Amorim, conhecedor do caso.

Meus guardados... quantos alfarrábios instrutivos!

FONTE

Newton Boechet, "IDE E PREGAI", ed. FEB

RECOMENDAÇÕES OPORTUNAS

“Ainda que não possas marchar livremente com o teu fardo, avança com ele para a frente, mesmo que seja um milímetro por dia...

Lembra-te do madeiro afrontoso que dobrou os ombros doridos do Mestre. Sob os braços duros do lenho infamante, jaziam ocultas as asas divinas da ressurreição, para a Divina Imortalidade”.

Emmanuel

“Muitos daqueles que mais amamos no mundo se esquecem da Lei Divina, quando a fartura lhes enche a estrada de aspirações satisfeitas”.

Emmanuel

“A sêde de luz, no viajor que ainda atravessa as regiões da sombra, é fatalidade”.

Agostinho

O JOVEM E SEUS PROBLEMAS

Interessar-se pelo conhecimento da Doutrina Espírita, acaba gerando no jovem perquiridor de nosso tempo, dúvidas e mais dúvidas sobre pontos que não se encontram ampla e explicitamente tratados nas obras disponíveis.

Essa a razão pela qual mantém-se este espaço de **"INFORMAÇÃO."**

Envie para a Caixa Postal 45307/Ag. Vila Mariana/CEP 04019-970/São Paulo (SP), suas dúvidas anotadas numa folha de papel.

A partir daí, basta acompanhar as novas publicações da seção **JUVENTUDE** para encontrar o esclarecimento que Você procura.

CARMA COLETIVO

Um grupo de crianças morre carbonizada numa creche, após um incêndio no berçário, salvando-se apenas uma criança que escapou ilesa. Tem-se a notícia de que o sinistro ocorreu porque os funcionários deixaram um aquecedor ligado no chão, perto de material inflamável e que naqueles momentos não havia ninguém por perto para tomar conta das crianças. Uma tragédia que deixou os pais desesperados e a população da cidade revoltada, comovendo todo o País. Pergunto: se essas crianças tinham que morrer nessa tragédia, de quem é a culpa? Os funcionários, que pecaram por negligência, teriam sido intuídos pelos Espíritos para que a tragédia ocorresse? Podemos, pela Lei da Reencarnação, justificar o fato, porque esse tipo de morte estava no carma desses Espíritos?

Nunca há justificativa para o mal causado. Na Lei Divina, todos respondem objetivamente pelos erros cometidos, uns diante dos outros e cada um consigo mesmo, arcando com as conseqüências. Se, de fato, houve negligência - e não somos nós que vamos fazer esse julgamento - as pessoas envolvidas não serão apenas réis da justiça humana, mas

sujeitos passivos na Justiça Divina. O Espiritismo vê com muita clareza, embora nem sempre seja fácil para nós explicar os mecanismos, a lei do retorno, que não existe para castigar ninguém, mas para ensinar o Espírito a conviver, a ser responsável e prudente nas suas decisões e nos seus atos. É fato que Jesus nos ensinou a compreensão e o perdão, mas igualmente nos ensinou a responsabilidade e o compromisso uns com os outros, de modo que o perdão de Deus não significa ignorar o erro, mas proporcionar ao infrator a possibilidade de arrependimento, reparação e reaprendizagem. Com relação às crianças desencarnadas, também sabemos que o fato não ocorreu por acaso na sua experiência evolutiva; algo tem a ver com o passado. Antes de reencarnar, os Espíritos, em resgate coletivo, tomam ciência dos riscos a que estão expostos, das formas pelas quais podem desencarnar, mas o fato em si não está determinado, pois dependem de circunstâncias várias em suas vidas. Por outro lado, seria absurdo conceber que as pessoas que causaram o acidente por negligência ou irresponsabilidade, e não por vontade deliberada, tivessem reencarnado com esse objetivo, ou seja, tivessem sido instrumentos da Espiritualidade para o cumprimento da Lei. É possível que esses funcionários tenham

JUVENTUDE

ligações anteriores com essas crianças, mas o acidente em si, com certeza, surgiu das circunstâncias ocasionadas pela soma de suas fraquezas morais, pelas quais, cedo ou tarde, vão ter que responder.

A IGREJA E O PAPA

É verdade que Jesus foi o fundador da Igreja Católica e Pedro seu primeiro papa?

Esta é, pelo menos, a versão que a Igreja passa para seus fiéis e proclama para o mundo todo, mas não corresponde precisamente ao que se passou na História. Jesus, na verdade, não fundou religião alguma. Muitos estudiosos da religião o consideram um moralista e não um religioso. Isto porque iniciou um movimento de moralização da sociedade, através da transformação do homem; tratava-se de uma visão nova de religiosidade, onde a relação do homem com Deus (religião) devia ser precedida da relação do homem com o homem (moral) através da fraternidade: "*Um novo mandamento vos dou, que vos ameis uns aos outros*". Segundo Mateus (16:18), ele teria delegado a Pedro a liderança na continuidade dessa missão, mas Will Durant, in "Cesar e Cristo", afirma que "essa passagem é tida como enxerto", posteriormente acrescentada ao Evangelho de Mateus por motivos óbvios. A propósito, Pinheiro Martins, in "História da Formação do Novo Testamento", vê com estranheza o fato de Marcos, autor do Evangelho mais antigo, não fazer nenhuma referência a essa suposta delegação de Jesus a Pedro, uma vez que Marcos (João Marcos) fora íntimo de Pedro e servira como intérprete do Apóstolo, quando este pregava aos Gentios. Quanto ao movimento moralizador, iniciado por Jesus, em nada se parecia com as religiões formais da época, nem mesmo com o judaísmo (ele combatia ardorosamente os

religiosos, principalmente os fariseus), pois sua doutrina era de cunho estritamente moral, simples e direta, sem dogmas, cultos, sacerdotes, templos ou qualquer tipo de adoração exterior. No entanto, quem, de fato, assumiu a liderança do movimento depois chamado cristão, após a sua morte, foi Saulo de Tarso (depois, Paulo, considerado por muitos como o fundador do Cristianismo, face às novas características que o movimento foi tomando), antigo perseguidor de seus adeptos. Jesus, certamente, buscou Paulo, na falta de alguém mais preparado e arrojado, por causa de sua cultura e de seu caráter íntegro. Todavia, o movimento, que se seguiu a Jesus, passou a tomar características religiosas comuns, por influência dos próprios cristãos, que vinham do Judaísmo, e de outras religiões da época. Foi quando se consolidou o Cristianismo propriamente dito, marcado por implacáveis perseguições e cruéis martírios, em face da intolerância dos romanos e também por aguerridos conflitos internos, até porque os próprios cristãos não se entendiam sobre vários pontos da religião., principalmente em relação à natureza do Cristo. Nos dois primeiros séculos, esse movimento se organizou com muita dificuldade e sacrifícios, formando as igrejas locais (ekklesia, ecclesia = assembléia) com seus padres e bispos, e assumindo a feição de religião sacerdotal com ofícios litúrgicos, no que se assemelhava ao Judaísmo. Houve tentativas de organização e centralização do comando do movimento, em face da existência de vários bispos, que assumiam indiscutíveis lideranças. "A palavra papa (pai) era, nos primeiros séculos, aplicada a qualquer bispo cristão, como ao papa Clemente, que aparece como autor de uma carta, escrita em 96, à igreja de Corinto". Contudo, a Igreja Católica Romana, com a estrutura dogmática que ela tem hoje, só se consolidou posteriormente, no século IV, a

partir do Concílio de Nicéia, no ano 325 depois de Cristo, com o imperador Constantino, já na fase de declínio do império. Depois de declarar o Cristianismo crescente como religião oficial, estabeleceu sua sede definitiva em Roma, determinando-lhe uma estrutura adaptada do Estado e da religião romana, como o próprio título de Sumo Pontífice, "que era usado para designar a autoridade do imperador como chefe da religião cívica", segundo o historiador Edward M. Burns, in

"HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL". Com o imperador Constantino ficaram assentadas as bases de uma igreja única e universal (católica), ao mesmo tempo em que eram declaradas heresias todas as idéias que não se coadunassem com os pontos estabelecidos no "Credo de Nicéia". A partir de então, os cristãos, de dominados, passaram a dominadores e a igreja romana passou a exercer a sua grande hegemonia.

PALAVRAS AOS JOVENS

“Se a tentação de ordem inferior nos procura, aceleremos a nossa atividade no Bem, porque o suor digno é o antídoto de todos os tóxicos mentais que atacam sutilmente os tecidos da alma”.

Meimei

“Em muitas ocasiões, o brilhante dorme nos seixos da serra esperando os atritos da evolução e a passagem do tempo, a fim de surgir, sublime e belo, a pleno Sol”.

Agostinho

“É indispensável dar de nós mesmos, infinitamente, sem descanso e sem inquietação, convencidos de que o suprimento celestial nos provê do necessário”.

Nina Arueira

“O sofrimento é a nossa única oficina de purificação individual”.

Emmanuel

EDUCAÇÃO NA FAMÍLIA

Heloisa Pires

A educação espírita, como bem frisou Kardec, se inicia nas famílias espíritas. Exemplos cristãos, reencarnação, compreensão de Deus, amor, fraternidade, possibilidade de intercâmbio entre encarnados e desencarnados, fazem parte dos conhecimentos que os pais devem ministrar aos seus filhos.

Os pais espíritas utilizarão os recursos da prece, do Evangelho no Lar e do passe. Dedicar-se-ão, ainda, ao auxílio às casas Espíritas.

Não farão do filho um tirano doméstico, ou um inadaptado para o mundo. Mas, o encaminharão para as escolas de evangelização espírita. Não colocarão as crianças em escolas protestantes ou católicas, não por preconceitos tolos, mas para não confundí-las. É grande o número de pais espíritas que levam seus filhos às aulas de evangelização espírita, aos sábados e domingos, e permitem que eles aprendam religião católica ou protestante, durante a semana. A criança acredita nos pais, mas também nos professores, e se interroga: afinal, quem está com a razão? Como conciliar opiniões tão diversas? Isso é horrível para a criança. Uma vez por semana, a família espírita se reunirá para fazer o Evangelho no Lar. Não é um ritual, mas uma disciplina que permitirá a nossa ligação com o mundo espiritual. Após o Evangelho, a família poderá analisar, à luz do Espiritismo, os problemas atuais que preocupam sobretudo os jovens: a guerra, a fome, o desemprego, as injustiças sociais, a falta de amor. A compreensão da reencarnação e da lei de Ação e Reação facultará o entendimento do "porquê" das dificuldades do mundo em que vivemos. Os pais espíritas explicarão aos seus filhos que não somos robôs. Que podemos modificar o nosso destino, atenuar as nossas provas e transformar para melhor o mundo à nossa volta. Esforço de evolução não é esperar, inerte, pelo auxílio divino acreditando que tudo

lhe será dado. É modificar-se, através do amor e com energia. Gandhi é o exemplo do indivíduo que entendeu, como ninguém, a necessidade de agir no mundo que o rodeava. É o exemplo de não aceitarmos tudo, e "deixar como está, para ver como fica". Antes de Gandhi, um homem louro e doce, deu o exemplo de como lutar contra as injustiças. O Meigo Nazareno soube usar de energia, quando verberou os fariseus chamando-os de "*sepulcros caiados por fora e cheios de podridão por dentro*". Acrescentando, ainda: "*sereis lançados nas trevas exteriores, e aí haverá choro e ranger de dentes*". Como bem diz Herculano Pires, evoluir não é ficar indiferente, com falsas atitudes de humildade e amor. Isso é ser igual aos fariseus. Evoluir é desenvolver a energia amorosa de Jesus, de Paulo de Tarso, de Gandhi, da Madre Teresa de Calcutá, de Joana d'Arc e de tantos outros que iluminaram o mundo com seus exemplos edificantes. Como alguns membros da família espírita se acham, ainda, ligados às leis cármicas, à luz do Espiritismo se fortalecerão, e irão corrigir suas imperfeições e colaborar para um mundo melhor. A função da família espírita é desenvolver, em casa, sob as claridades do Evangelho, todas as boas qualidades, as quais, após, serão postas em prática fora dela. Uma nova Humanidade surgirá, sem barreiras geográficas. Uma Humanidade que praticará, realmente, as Leis de Deus. Não mais "o meu,

o "teu". A "minha" família, a "tua" família, mas a compreensão da família espiritual, resumida num só rebanho, com um só pastor, de que nos fala o profeta. Quando o lindo bebê surge em nossa casa e começa a se desenvolver, o dever de todos os membros da família é auxiliá-lo na sua sociabilidade. Infelizmente, o que vemos é estimular-lhe o egoísmo. Se ele faz malcriações, todos acham graça. Se bate, exige, não empresta os brinquedos, a família se encanta com a sua personalidade forte. Logo se transforma numa criatura exigente, depois em um adolescente difícil, e finalmente em um adulto insuportável. De quem a culpa? Dos pais, dos tios, de todos os que incentivaram as tendências inferiores do reencarnado. A finalidade da educação é, exatamente, desenvolver as tendências boas

e eliminar os defeitos trazidos de outras encarnações. O mundo cruel de hoje é o produto do egoísmo que ainda existe nos corações. E se esse egoísmo vem de séculos, é comum encontrar estímulos na educação pragmática deste século. A Educação Espírita, trazendo nova visão do mundo, auxiliará a formação da família espiritual. A família espírita participará do Evangelho no Lar como fonte que é, da harmonização de seus membros. Não é um ritual, mas um momento de sintonia com o Plano Espiritual Superior. É quando os corações, unidos, agradecerão a Deus todo o auxílio que lhes tem dispensado.

FONTE

Pires, Heloisa, **EDUCAÇÃO ESPÍRITA**, ed. PAIDÉIA

O MUNDO MAIOR E A EDUCAÇÃO

“A inteligência sem amor é o gênio infernal que arrasta os povos de agora às correntes escuras e terrificantes do abismo. O cérebro sublime não encontra socorro no coração embrutecido”.

Francisco de Assis

FAÇA (OU RENOVE) SUA ASSINATURA DE “INFORMAÇÃO”

Envie um cheque nominal ao GRUPO ESPÍRITA “CASA DO CAMINHO”, Caixa Postal 45307, Agência Vila Mariana, CEP 04010-970, São Paulo (SP), no valor de R\$ 20,00 e garanta o recebimento por 12 meses de números inéditos da revista.

Preencha o cupom abaixo com os dados pedidos e remeta-nos ao endereço acima indicado.

NOME:

ENDEREÇO:

CIDADE: **ESTADO:** **CEP:**

Nota - Em caso de renovação queira indicar o mês do vencimento de sua assinatura e o número apostado no canto superior direito da etiqueta de endereçamento.